

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n4e26168>

Políticas de internacionalização em quatro universidades públicas latino-americanas: um estudo comparado entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai

Internationalization policies in four Latin American public universities: a comparative study in Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay

Las políticas de internacionalización en cuatro universidades públicas latinoamericanas: un estudio comparado en Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay

Eduardo Rodríguez Sanabia

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9445-3585>

Norberto Ojeda

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4045-8541>

Ana Paula Araujo Fonseca

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2204-1447>

José Passarini

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8376-1638>

Resumo: Este estudo analisa as políticas de internacionalização de quatro universidades públicas latino-americanas (UNL, UNILA, UDELAR e UNA) com o objetivo de compreender as estratégias e práticas implementadas pelas instituições para se engajarem no contexto global e regional. Essas universidades estão agrupadas por meio de projetos de pesquisa sobre a internacionalização da educação superior no Mercosul desde 2018 e são membros da Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM). Utilizando uma abordagem qualitativa, foi realizada uma análise documental dos regulamentos institucionais, da qual emergiram três dimensões analíticas: estratégias de internacionalização, acordos de cooperação e promoção de vínculos institucionais. Os resultados mostram que as quatro universidades têm uma extensa rede de acordos de cooperação, principalmente em mobilidade acadêmica e desenvolvimento de pesquisas. No entanto, há diferenças na orientação dessas colaborações, sendo o Mercosul e a América Latina o foco principal da UNL e da UNILA, enquanto a UDELAR e a UNA têm uma diversidade maior de parceiros, incluindo países europeus. Com relação à promoção da internacionalização, todas as universidades implementam programas de mobilidade, cursos de idiomas estrangeiros e políticas linguísticas, embora com diferentes níveis de consolidação. Os programas de dupla titulação são outra característica comum, com maior presença em áreas como engenharia, ciências sociais e administração. Em conclusão, o estudo revela que as universidades analisadas compartilham um interesse comum na internacionalização, mas cada uma desenvolve estratégias específicas adaptadas ao seu contexto institucional e às suas prioridades acadêmicas.

Palavras-chave: internacionalização; estudo comparado; educação superior; América Latina.



Abstract: This study analyzes the internationalization policies of four Latin American public universities (UNL, UNILA, UDELAR, and UNA) intending to understand the strategies and practices implemented by these institutions connect with global and regional contexts. These universities are grouped through a research project on the internationalization of higher education in MERCOSUR, which has been ongoing since 2018, and are members of the Association of Universities of the Montevideo Group (AUGM). Through a qualitative approach, a documentary analysis of institutional regulations was conducted, from which three analytical dimensions emerged: internationalization strategies, cooperation agreements, and the promotion of institutional linkages. The results indicate that the four universities have a broad network of cooperation agreements, mainly in the areas of academic mobility and research development. However, there are differences in the orientation of these collaborations, with MERCOSUR and Latin America being the main focus for UNL and UNILA, while UDELAR and UNA have a broader range of partners, including European countries. Regarding the promotion of internationalization, all universities implement mobility programs, foreign language training, and language policies, although with different levels of consolidation. Dual degree programs are another common feature, with a greater presence in areas such as engineering, social sciences, and administration. In conclusion, the study reveals that the universities analyzed share a common interest in internationalization; however each one develops specific strategies tailored to its institutional context and academic priorities.

Keywords: internationalization; comparative study; higher education; Latin America.

Resumen: Este estudio analiza las políticas de internacionalización de cuatro universidades públicas latinoamericanas (UNL, UNILA, UDELAR y UNA) con el propósito de comprender las estrategias y prácticas que implementan las instituciones para vincularse en el contexto global y regional. Se trata de universidades nucleadas mediante proyectos de investigación sobre la internacionalización de la educación superior en el MERCOSUR desde 2018, que integran la Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM). Bajo un enfoque cualitativo, se realizó un análisis documental de normativas institucionales del que emergen tres dimensiones analíticas: estrategias de internacionalización, convenios de cooperación y promoción de la vinculación institucional. Los resultados muestran que las cuatro universidades cuentan con una amplia red de convenios de cooperación, principalmente en movilidad académica y desarrollo de investigación. Sin embargo, existen diferencias en cuanto a la orientación de estas colaboraciones, siendo el MERCOSUR y América Latina los focos principales para UNL y UNILA, mientras que UDELAR y UNA mantienen una mayor diversidad de socios, incluyendo países europeos. En cuanto a la promoción de la internacionalización, todas las universidades implementan programas de movilidad, formación en lenguas extranjeras y políticas lingüísticas, aunque con distintos niveles de consolidación. Los programas de doble titulación son otra característica común, con mayor presencia en áreas como ingeniería, ciencias sociales y administración. En conclusión, el estudio revela que las universidades analizadas comparten un interés común en la internacionalización, pero, cada una, desarrolla estrategias específicas adaptadas a su contexto institucional y a sus prioridades académicas.

Palavras-chave: internacionalização; estudo comparado; educação superior; Latinoamérica.

1 Introdução

A internacionalização das instituições de educação superior adquiriu grande importância na agenda das organizações internacionais, dos governos nacionais, das instituições de ensino superior e de seus órgãos representativos, das organizações estudantis e das agências de acreditação (De Wit, 2011). Essa tendência fez com que o termo internacionalização da educação superior adquirisse diferentes interpretações e significados, de acordo com os interesses das instituições envolvidas. Para alguns, o termo está relacionado a atividades como mobilidade estudantil e de professores,

acordos internacionais de cooperação, criação de projetos de impacto internacional, associação a programas e redes; enquanto, para outros, a internacionalização da educação superior está mais ligada ao fato de oferecer programas educacionais a estudantes de outros países, filiais de universidades transfronteiriças, franquias, entre outras ações.

Este fenômeno de internacionalização nas instituições de educação superior responde às demandas de diferentes organismos internacionais, nacionais e regionais, adotando diversas ações e estratégias para se adaptar a um ambiente cada vez mais globalizado. Em muitas ocasiões, isso lhes permite manterem-se competitivas no mercado internacional e melhorar a qualidade educacional, fomentar a diversidade cultural e promover a pesquisa e a inovação em um contexto global.

De acordo com a interpretação de Knight e De Wit (1997), a globalização é um processo complexo, composto por múltiplas facetas que podem afetar os países de maneiras muito diferentes, tanto positiva quanto negativamente. A globalização não é um processo local, nem está circunscrita aos limites de uma nação. Ela se propaga além das fronteiras de um país, por meio das tecnologias da informação e da comunicação, da sociedade do conhecimento, da liberalização comercial, entre outras mudanças estruturais que ocorrem nos planos político e social. As instituições tiveram que enfrentar diferentes processos de internacionalização que lhes permitissem responder a esse fenômeno. Esses processos levam a mudanças nas instituições, que geralmente se refletem em novos formatos de educação, que tentam responder à demanda da sociedade por uma formação contínua e permanente.

Algumas universidades optaram por oferecer novos programas que ultrapassam as fronteiras nacionais, aplicando inovações metodológicas no ensino, onde a tecnologia e a informática assumem um papel preponderante. Também estão sendo modificados os planos de ensino, que tendem a padronizar os conteúdos para gerar novas oportunidades de cruzamento de mercados.

Philip Altbach, Liz Reisberg e Laura Rumbley (*apud* De Wit, 2011, p. 5) afirmam o seguinte:

A globalização, uma realidade fundamental no século XXI, já influenciou profundamente o ensino superior. [...] Definimos globalização como a realidade formada por uma economia mundial cada vez mais integrada, as novas tecnologias da informação e comunicação, o surgimento de uma rede internacional de conhecimento, o papel da língua inglesa e outras forças além do controle das instituições acadêmicas [...]. A internacionalização é definida

como a variedade de políticas e programas que as universidades e os governos implementam para responder à globalização.

Com base nas conceituações anteriores, pode-se afirmar que globalização e internacionalização da educação superior não são termos isolados, mas estão ligados em seus princípios. A internacionalização da educação superior seria, assim, uma reação proativa em resposta aos fenômenos de globalização que vêm se desenvolvendo.

Mas essas não são concepções estáticas, pois o conceito de internacionalização evolui ano após ano, ao mesmo ritmo que a globalização. Uma das primeiras definições de internacionalização da educação superior (e uma das mais aceitas) foi a proposta por Knight (1994, p. 3), que a descreve como “[...] o processo de integrar a dimensão internacional/intercultural no ensino, na pesquisa e no serviço da instituição”. Essa definição propõe a internacionalização como um processo dinâmico que se constrói e se aprimora de forma gradual e contínua. Além disso, menciona o componente integrador, o que a posiciona, não mais como um elemento acessório dos programas e políticas das universidades, mas como um tema principal na missão e visão das instituições envolvidas. A internacionalização não é um processo orientado exclusivamente para um país, mas também incorpora os diferentes grupos étnicos/culturais que o compõem.

O auge da internacionalização nos últimos anos, nos quais se ganhou maior atenção e reconhecimento na agenda política das instituições, faz com que se continue trabalhando em uma definição que consiga ser mais genérica e responda à heterogeneidade das instituições que desejam utilizá-la. Construir uma definição com essas características não é uma tarefa fácil, pois é difícil chegar a um consenso; mas, ao mesmo tempo, é necessário, pois não há dúvida de que a internacionalização deve ser mensurável e quantificável por meio de parâmetros que permitam conhecer o grau de desenvolvimento alcançado por uma instituição. Devido à complexidade da estrutura das instituições de educação superior (já que depende do contexto, da missão e da inserção sociocultural em que se encontram), é necessário que a definição proposta consiga estar relacionada com todos os aspectos que compõem a educação e o papel que ela desempenha nas sociedades.

A esse respeito, a literatura especializada no tema expressa com certo consenso uma definição de internacionalização em nível setorial e institucional. Ela é

definida como “[...] o processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global com o objeto, às funções ou à oferta do ensino pós-secundário” (Knight, 2003, p. 2, nossa tradução). Ao se referir a um processo, incorpora a noção de que é um esforço contínuo, que busca integrar a internacionalização às políticas e programas institucionais, buscando ganhar uma posição central nos espaços que estão sendo conquistados. Seguindo sua linha de pensamento, o internacional refere-se às relações estabelecidas entre nações, países ou culturas. O intercultural refere-se à diversidade cultural que coexiste no ambiente nacional e global, incluindo-se no sentido de que tem uma influência de ação em todo o mundo. O objeto refere-se aos propósitos da educação superior e às missões das instituições individuais; a função alude aos elementos que caracterizam um sistema superior nacional e uma instituição individual e, finalmente, a oferta refere-se à oferta de cursos de educação no exterior.

Outra definição que nos permite analisar o fenômeno da integração das universidades objeto deste estudo é:

[...] processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural e global nos objetivos, funções e oferta da educação superior, buscando aumentar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os estudantes e funcionários das instituições, com a finalidade de fazer uma contribuição significativa para a sociedade (De Wit *et al.*, *apud* Gacel-Ávila; Rodríguez-Rodríguez, 2018, p. 24).

Existem diferentes processos de internacionalização que podem ter maior ou menor impacto sobre a comunidade universitária, dependendo do alcance das políticas implementadas. Por isso, as instituições de educação superior devem definir claramente o significado que atribuem à internacionalização. A partir dessa construção, elas poderão planejar estratégias e ações que conduzam a um processo verdadeiro e autêntico de internacionalização, que deverá estar intimamente relacionado com a missão e as funções da instituição.

Esta pesquisa se centrou no fenômeno da internacionalização em quatro universidades públicas do MERCOSUL (a Universidade Nacional do Litoral, na Argentina; a Universidade Federal de Integração Latino-Americana, no Brasil; a Universidade da República, no Uruguai; e a Universidade Nacional de Assunção, no Paraguai), com o objetivo de compreender as estratégias e práticas implementadas pelas instituições para se inserirem nos contextos global e regional. A pesquisa foi realizada entre 2022 e 2024, como parte das atividades de um projeto financiado pelo

Instituto MERCOSUL de Estudos Avançados (IMEA) da UNILA. Foi utilizada uma abordagem qualitativa, com uma análise dos documentos institucionais das quatro universidades.

O texto está organizado em três seções. A primeira seção trata da internacionalização Sul-Sul e sua relação com o MERCOSUL. A segunda seção aborda a importância de analisar as políticas de internacionalização das universidades do MERCOSUL, os fundamentos metodológicos e os principais resultados, com uma apresentação das três dimensões analíticas que surgiram: estratégias de internacionalização, acordos de cooperação e promoção de vínculos institucionais. Por fim, a seção de conclusões enfatiza a importância de uma visão integral da internacionalização como parte do desenvolvimento institucional, de modo a fortalecer a presença das universidades analisadas no cenário internacional.

2 Internacionalização Sul-Sul e sua relação com o Mercosul

Exploramos a internacionalização da educação superior a partir de uma perspectiva global, mas é importante destacar que também existe uma abordagem Sul-Sul que merece atenção. A internacionalização Sul-Sul refere-se à colaboração e cooperação entre países do hemisfério sul, particularmente em regiões como América Latina, África e Ásia. Essa forma de internacionalização busca fortalecer os laços entre países em desenvolvimento e promover o intercâmbio de conhecimentos, recursos e experiências que respondam a demandas e necessidades mais regionais.

A internacionalização Sul-Sul e sua relação com o MERCOSUL emergem como elementos-chave no processo de internacionalização da educação superior na América Latina. De acordo com Oregoni e Piñero (2017), esse processo é caracterizado por tensões entre dinâmicas hegemônicas, marcadas por uma abordagem mercantilista e homogeneizante, e dinâmicas não hegemônicas, baseadas na cooperação Sul-Sul. Enquanto as dinâmicas hegemônicas refletem uma dependência acadêmica em relação aos centros mundiais de produção de conhecimento, as dinâmicas não hegemônicas promovem uma visão solidária e autônoma da educação superior como um direito estatal. Nesse sentido, a cooperação Sul-Sul se apresenta como uma alternativa que busca democratizar a produção e a difusão do conhecimento, orientando-a para problemas sociais e agendas de pesquisa endógenas, de acordo com uma perspectiva latino-americana. Essa dinâmica permite

questionar a internacionalização hegemônica e sustentar que outra forma de internacionalização é possível, na qual se valorizam os recursos regionais e se busca a complementaridade e os benefícios mútuos na produção e difusão do conhecimento.

Historicamente as dinâmicas predominantes refletem uma orientação para o mercado, a competição e a padronização, além da dependência acadêmica em relação aos centros líderes na produção de conhecimento a nível mundial. Esses centros, influenciados por legados coloniais, tiveram um papel significativo na geração de ideias ao longo da história. De acordo com os antecedentes provenientes dos estudos sociais em ciência e tecnologia, a cooperação foi historicamente orientada a partir dos países do Norte. Enquanto isso, apesar da proximidade histórica e cultural entre os países latino-americanos, predominam os laços mediados pelos Estados Unidos e pela Europa. A principal crítica às dinâmicas de cooperação Norte-Sul é que elas geralmente levam à investigação de problemas que não respondem ao contexto social, político e econômico em que a pesquisa é desenvolvida, uma vez que os países “periféricos” integram redes muito amplas, cujos programas já foram solidamente estruturados por aqueles que os financiam. Consequentemente, na divisão do trabalho científico, os pesquisadores da periferia têm um papel extremamente técnico. Dessa forma, considera-se necessário trabalhar em relação à legitimidade e pertinência dessas práticas (Oregioni, 2021). Por outro lado, as estratégias de internacionalização não hegemônicas baseiam-se na cooperação entre os países do Sul, de forma interna e solidária. Aqui, a educação superior é vista como um direito e uma responsabilidade do Estado, com o objetivo de democratizar a geração e a difusão de conhecimento voltado para a resolução de problemas sociais. É essencial desenvolver uma consciência coletiva que se concentre nos problemas do Sul, valorizando seus recursos e buscando benefícios mútuos na criação e disseminação do conhecimento. A dimensão política é fundamental nesta análise, não apenas como política pública nacional e regional, mas também como uma luta pelo sentido do conhecimento gerado.

Na América Latina, a mobilidade acadêmica tem sido historicamente limitada, representando apenas 7% da mobilidade mundial por volta dos anos 2000 (Gómez Ortiz *et al.*, 2008). No entanto, a partir do século XXI, observa-se um progresso significativo, impulsionado pela realização de conferências e eventos dedicados às

políticas de educação superior na Ibero-América, onde são promovidas decisões relacionadas com a mobilidade e o intercâmbio estudantil (Gómez Ortiz *et al.*, 2008).

Na América Latina, existem diferentes programas que têm entre seus objetivos criar as condições necessárias para facilitar a mobilidade de estudantes, professores e gestores. Os esforços das universidades latino-americanas são cada vez mais notórios na construção de redes que lhes permitam alcançar altos níveis de integração e cooperação internacional. A cooperação universitária internacional é um componente fundamental da cooperação internacional entre os países, pois representa um instrumento de integração muito importante para a região. Hoje, certamente para os países que integram o MERCOSUL, o componente mais importante das relações acadêmicas internacionais é representado pelo intercâmbio entre universidades e, entre elas, principalmente as instituições públicas são as que promovem com maior força essas ações de cooperação.

Uma das primeiras experiências na América Latina foi a criação do Programa de Intercâmbio e Mobilidade Acadêmica (PIMA¹), promovido pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). O PIMA está estruturado em redes temáticas formadas por universidades de, pelo menos, três países participantes do programa, com garantia de reconhecimento pela universidade de origem dos estudos realizados pelos estudantes em outra universidade da rede.

Outro antecedente de grande importância para a América do Sul são as ações implementadas na década de 1990, voltadas para melhorar a atividade de cooperação internacional. O primeiro antecedente sólido nesse sentido é a criação, em 1991, da Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM). A AUGM é uma organização civil não governamental, sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é impulsionar o processo de integração por meio da criação de um espaço acadêmico comum ampliado, com base na cooperação científica, tecnológica, educacional e cultural entre todos os seus membros. Alguns de seus principais objetivos são: contribuir para o desenvolvimento, fortalecimento e consolidação da educação pública; colaborar na formação de uma massa crítica de recursos humanos de alto nível, aproveitando as vantagens comparativas oferecidas pelas capacidades instaladas na região; desenvolver a pesquisa científica e tecnológica, incluídos os

¹ Programa de Intercâmbio e Mobilidade Académica –PIMA <https://oei.int/pt/escritorios/secretaria-geral/programa/pima/>

processos de inovação, adaptação e transferência tecnológica em áreas estratégicas; impulsionar a educação continuada em benefício do desenvolvimento integral das populações da sub-região; fortalecer as estruturas de gestão das universidades que a integram; e impulsionar a interação de seus membros com a sociedade em seu conjunto, por meio da difusão dos avanços do conhecimento que propiciem sua modernização (AUGM, 1991). A AUGM é constituída por diferentes programas, um deles é o ESCALA de Estudantes de Graduação², que promove o intercâmbio acadêmico e cultural e permite um melhor conhecimento da diversidade e das particularidades dos diferentes sistemas de educação superior instalados.

Outro exemplo de integração regional é promovido pelo Setor Educacional do MERCOSUL, por meio dos processos de acreditação de cursos. No Plano Estratégico 2001-2005, a acreditação, a mobilidade acadêmica e a cooperação interinstitucional foram definidas como as linhas prioritárias para a educação superior. Nesse contexto, em uma primeira instância, foi implementado o Mecanismo Experimental de Acreditação de Cursos de Graduação no MERCOSUL (MEXA), cujo objetivo era aperfeiçoar a qualidade dos cursos por meio da implementação de um sistema comum de acreditação, baseado em critérios e parâmetros de qualidade previamente acordados e com avaliações realizadas por pares acadêmicos internacionais, previamente preparados para esse objetivo. Este Mecanismo implementou o credenciamento dos cursos de Agronomia, Engenharia e Medicina da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Após uma avaliação do MEXA, foi implementado o Memorando de Entendimento sobre a criação e implementação de um sistema de acreditação de cursos universitários para o reconhecimento regional da qualidade acadêmica dos respectivos diplomas no MERCOSUL e Estados Associados, ARCU-SUR. Este novo sistema de avaliação constitui a criação de um mecanismo permanente de acreditação de cursos de graduação do MERCOSUL. O primeiro ciclo de acreditação envolveu os cursos de Agronomia, Arquitetura, Veterinária, Enfermagem, Engenharia, Medicina e Odontologia. Neste contexto, foi elaborado o Programa de Mobilidade MARCA (Mobilidade Acadêmica Regional de Cursos Acreditados), associado aos cursos acreditados pelo MEXA e, posteriormente, pelo ARCU-SUR³.

² Programa Escala de Estudantes de Graduação - <https://grupomontevideo.org/escalagrado/>

³ Programa de Mobilidade Académica Regional [MARCA], <http://programamarca.siu.edu.ar/>).

O MARCA é o primeiro programa de mobilidade de estudantes de graduação promovido pelos governos do Setor Educacional do MERCOSUL. Participam deste programa os países membros e associados do bloco que incentivam a integração regional. Este programa está relacionado com os cursos acreditados pelo sistema regional de acreditação de cursos de graduação do MERCOSUL (ARCU-SUR). Financiado pelos Estados em alguns casos, em outros casos exclusivamente pelas universidades, ou co-financiado por instituições e Estados em outros países, ele consegue mobilizar principalmente estudantes de graduação há vários anos e incorporou recentemente a mobilidade de professores e gestores. Entre os objetivos gerais do programa MARCA estão os de impulsionar a mobilidade e o intercâmbio acadêmico entre estudantes, professores-pesquisadores e coordenadores acadêmicos e institucionais dos cursos credenciados pelo Sistema ARCU-SUR, promover o conhecimento recíproco sobre a formação acadêmica dos cursos de graduação credenciados, a comparabilidade das estruturas curriculares e o reconhecimento de disciplinas e estudos dos países do MERCOSUL; enriquecer a formação dos jovens, oferecendo-lhes a oportunidade de conhecer culturas diferentes e desenvolver valores como solidariedade, tolerância e respeito pela diferença, promovendo uma maior participação estudantil em questões sociais. Promover e desenvolver o domínio das línguas oficiais dos países participantes são outros de seus objetivos.⁴

3 Importância de analisar as políticas de internacionalização das universidades do MERCOSUL

A internacionalização da educação superior é de grande relevância no atual cenário de globalização, e as universidades do MERCOSUL não são exceção. Para atuar em um mundo amplamente conectado, são necessárias iniciativas de internacionalização que transcendam programas específicos e estabeleçam ações que transversalizem a internacionalização em todos os espaços das instituições. Nesse sentido, a análise das políticas de internacionalização é fundamental para compreender a integração no âmbito global e regional, as capacidades para promover

⁴ Programa de Mobilidade Académica Regional [MARCA] <http://programamarca.siu.edu.ar/>).

a mobilidade acadêmica e a cooperação em todas as esferas que são de competência das instituições universitárias.

O MERCOSUL tem promovido a integração regional em diversas dimensões desde a sua criação em 1991. No âmbito educacional, existe um espaço de coordenação das políticas dos países membros e associados, denominado Setor Educacional do MERCOSUL. Esse espaço busca a integração e a cooperação na educação por meio do acordo em políticas públicas e da elaboração conjunta de programas e projetos. Especificamente para a área de educação superior, as ações estão vinculadas à acreditação de cursos, à mobilidade acadêmica e à cooperação interinstitucional.

Além do MERCOSUL e das iniciativas dos Estados que o integram, as instituições universitárias estabelecem estrategicamente a integração em redes e associações acadêmicas como parte de suas políticas institucionais de internacionalização. Sem desconsiderar os vínculos em espaços internacionais, uma característica das universidades públicas do MERCOSUL é sua integração em redes acadêmicas regionais, como por exemplo a AUGM e a UDUAL.

Em termos gerais, a mobilidade acadêmica é o componente mais tangível e quantificável da internacionalização. Os programas de mobilidade acadêmica facilitaram o intercâmbio de estudantes e professores entre universidades do MERCOSUL. De acordo com um relatório da AUGM de 2020, as iniciativas de mobilidade acadêmica contribuem para a formação de vínculos acadêmicos que resultam na criação de projetos de pesquisa conjuntos. Na opinião de Wende (2015), esse tipo de cooperação não apenas melhora a qualidade da pesquisa, mas também aumenta a visibilidade e o prestígio das universidades no cenário mundial. Por isso, a adequação dos currículos para que incluam uma perspectiva internacional é importante e estratégica em termos de formação para um mundo globalizado. Embora com diferentes graus de avanço, as universidades do MERCOSUL têm trabalhado na harmonização de seus planos de ensino e na inclusão de conteúdos que refletem as tendências regionais. Esse esforço ainda enfrenta grandes desafios, principalmente a diversidade dos sistemas educacionais e a resistência à mudança por parte de algumas instituições (De Wit, 2019).

As decisões políticas desencadeiam ações que são posteriormente executadas pelas instituições. Por isso, é necessário compreender e analisar para

onde se orienta a internacionalização nas universidades abrangidas por este projeto. A literatura mais influente sobre este tema argumenta que a internacionalização aumenta a competitividade das universidades no mercado educacional global. As instituições que oferecem oportunidades de intercâmbio e colaboração em pesquisa são mais atraentes para estudantes e acadêmicos de todo o mundo. Isso não apenas melhora a reputação da instituição, mas também atrai maiores talentos e recursos econômicos. Para esses efeitos, as instituições universitárias que participam ativamente da internacionalização são as que tendem a se posicionar nos melhores lugares dos rankings internacionais (Marginson, 2016). No entanto, se analisarmos esses fundamentos a partir das categorizações de internacionalização fenícia e internacionalização solidária elaboradas por Perrotta (2016), é possível afirmar que a educação superior adquire um valor mercantil nesses termos, em contraposição a um modelo de educação como bem público e social, característico das universidades latino-americanas.

Em consonância com o exposto acima, entre os benefícios da internacionalização, costuma-se dizer que a cooperação internacional em pesquisa permite que as universidades tenham acesso a financiamento, infraestrutura e conhecimentos que, de outra forma, estariam fora de seu alcance. Por isso, a colaboração em projetos de pesquisa pode resultar em avanços significativos em diversas áreas do conhecimento. Além disso, as publicações conjuntas, em particular em revistas de alto impacto, aumentam a visibilidade e o prestígio das instituições e dos pesquisadores. Nesse sentido, Altbach e Knight (2007) afirmam que a pesquisa conjunta é um dos componentes mais valorizados da internacionalização, pois promove a transferência de conhecimento e o desenvolvimento de soluções para problemas globais. No entanto, é preciso pensar essas afirmações a partir de uma perspectiva situada (Oregoni, 2017). As lógicas de produção de conhecimento no âmbito latino-americano não escapam da teoria da dependência (Gunder Frank, 1967), na qual as relações são assimétricas. Conforme expressam Oregoni e Piñero (2016, p. 32)

[...] o centro é aquele que concentra os recursos materiais, cognitivos, instrumentais e simbólicos, enquanto a periferia o toma como ponto de referência de forma acrítica, gerando vínculos acadêmicos internacionais subordinados [...].

Os aspectos aqui mencionados estão presentes em todos os projetos de políticas de internacionalização. Por isso, é fundamental para este trabalho explicá-los e reconhecer que, apesar dos benefícios, as universidades do MERCOSUL enfrentam diversos desafios em seus esforços de internacionalização. Entre os principais obstáculos estão a disparidade nos recursos disponíveis e a hegemonia dos grandes centros de produção de conhecimento a nível mundial. Enquanto algumas universidades têm acesso a financiamento e apoio institucional para projetos internacionais, outras lutam para obter os recursos necessários. Da mesma forma, as diferenças na organização dos sistemas educacionais e dos marcos regulatórios dificultam a adequação dos currículos.

4 Fundamentos metodológicos e principais resultados

Em termos metodológicos, este estudo foi realizado sob uma abordagem qualitativa, orientada para compreender as estratégias e práticas de internacionalização de quatro universidades públicas latino-americanas. Trata-se da Universidade Nacional do Litoral (UNL, Argentina), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA, Brasil), da Universidade da República (UDELAR, Uruguai) e da Universidade Nacional de Assunção (UNA, Paraguai). A seleção dessas instituições responde a um critério intencional, dada a sua participação em projetos de pesquisa sobre a internacionalização da educação superior no MERCOSUL desde 2018. O processo de trabalho foi desenvolvido em quatro etapas, descritas no quadro a seguir.

Quadro 1 – Detalhamento do processo de análise documental

PROCESSO	DESCRIÇÃO
Revisão e seleção de documentos	Foram identificadas e compiladas normas institucionais relacionadas com a internacionalização, tais como planos estratégicos, regulamentos de mobilidade acadêmica e acordos-marco de cooperação internacional.
Análise de convênios vigentes	Os acordos de cooperação internacional e regional foram sistematizados com o objetivo de identificar padrões de vinculação, atores-chave e preferências institucionais na internacionalização.
Revisão de relatórios e políticas institucionais	Os documentos de gestão acadêmica e política universitária foram analisados para avaliar a evolução da internacionalização em cada instituição.

Avaliação da cooperação regional	Foram examinadas as ações conjuntas de internacionalização no âmbito do MERCOSUL.
----------------------------------	---

Fonte: Os/as autores/as

Foi realizada uma análise documental das normativas institucionais, dos convênios de cooperação, dos relatórios e políticas de gestão e dos documentos estratégicos das universidades selecionadas. Essa análise foi orientada a partir de uma perspectiva hermenêutica, no entendimento de que se trata de um marco teórico para a interpretação (Quinn, 2002). Segundo Hays e Singh (2012) e Páramo, Sierra e Maestre (2020), é importante destacar que, desse ponto de vista, parte-se do pressuposto de que os documentos a serem analisados são expressões registradas de experiências de pessoas e, portanto, têm uma representação subjetiva e política no contexto sócio-histórico em que são produzidos.

Do processo de análise documental, destacam-se três categorias que organizam as principais conclusões. A primeira é denominada **estratégias de internacionalização**, que mostra as principais ações das universidades para promover seus vínculos internacionais. Outra é **acordos de cooperação** e descreve as formas e a natureza dos convênios assinados pelas instituições. E a terceira categoria, **promoção do vínculo institucional**, dá conta das ações das universidades estudadas para facilitar e impulsionar as ações internacionais.

Neste trabalho, utiliza-se o termo estratégias de internacionalização para se referir a um conjunto de ações operacionais e planejadas que permitem concretizar a internacionalização como estratégia institucional. Embora a internacionalização em si possa ser concebida como uma estratégia de inserção global das universidades, nesta análise distingue-se entre essa noção ampla e as ações concretas para sua implementação. Isso permite diferenciar entre o objetivo estratégico e as ferramentas específicas que o possibilitam.

De acordo com o exposto acima, nas estratégias de internacionalização destaca-se um forte compromisso por parte das quatro universidades estudadas com a mobilidade estudantil e docente, por meio da implementação de bolsas de intercâmbio e programas de curta duração. Esse aspecto é amplamente mencionado nos documentos analisados e é o mais fácil de visualizar nas análises, pois, como afirmam Knight (2008) e De Wit (2011), a mobilidade muitas vezes é entendida como internacionalização, mas não deve ser reduzida estritamente a ela. Na UNL, observa-

se um compromisso significativo com o avanço de programas de dupla titulação em diferentes áreas acadêmicas, com acordos formais em vigor. O mesmo ocorre com a UNA, que estabeleceu acordos de dupla titulação, principalmente na área de pós-graduação. A UDELAR e a UNILA contam, em menor medida, com acordos nesse aspecto. Esses programas fortalecem a posição das instituições no cenário internacional e oferecem aos estudantes oportunidades valiosas para ampliar seus horizontes acadêmicos e profissionais. A combinação da dupla titulação na pós-graduação e da mobilidade acadêmica na graduação permite que as instituições diversifiquem sua oferta acadêmica e promovam uma maior colaboração com outras instituições em nível global.

No que diz respeito à produção de conhecimento, identificam-se esforços voltados para a geração de projetos de pesquisa conjunta, em particular nos documentos da UNL. A referida instituição expressa claramente que a colaboração com outras instituições é um elemento central para abordar problemas locais com foco em temas de impacto global. Embora com estratégias diversas, observa-se um interesse ativo em todas as instituições na busca de fundos internacionais para projetos de pesquisa, o que naturalmente vem acompanhado de alianças estratégicas com outras instituições que favorecem sua realização.

Há outros aspectos que são mencionados individualmente pelas universidades quando se trata de estratégias institucionais de internacionalização. Por exemplo, a UDELAR expressa em seu plano de desenvolvimento institucional a concretização de propostas de formação para atualização e especialização dos recursos humanos que trabalham na área de cooperação acadêmica e redes internacionais. Por outro lado, e com uma tentativa de capitalizar as experiências de ensino no contexto do confinamento devido à pandemia do coronavírus, a UNL menciona o uso da tecnologia, com maior incorporação digital, para fortalecer a educação à distância e, com isso, a colaboração interuniversitária.

Todas as instituições expressam em seus documentos a importância de estar presente em redes de universidades regionais e mundiais. Esse aspecto é relevante ao se pensar em estratégias de internacionalização de caráter solidário, conforme expressam Oregoni e Piñero (2017). Nesse aspecto, a UNA se destaca em propostas relacionadas à internacionalização do currículo, com a incorporação de programas bilíngues e cursos on-line com universidades estrangeiras. Por sua vez, a UNILA

realiza uma forte apostila transversal na formação intercultural, com o interesse de promover e fortalecer as competências interculturais entre estudantes e professores. Da mesma forma, eventos internacionais como congressos, seminários e encontros fomentam o intercâmbio de conhecimentos e expressões culturais. É uma universidade que oferece metade de suas vagas de graduação a estudantes internacionais, especialmente da América Latina e do Caribe.

Por outro lado, como instrumento de desenvolvimento e inserção das instituições de educação superior, estão presentes os acordos que têm um papel fundamental na vinculação global. Em todos os documentos estudados, identificam-se convênios que cumprem o objetivo de formalizar diferentes tipos de acordos, sejam eles acadêmicos, científicos ou culturais. Observa-se que todas as universidades analisadas aumentaram o número de convênios ao longo dos anos. Destacam-se principalmente os convênios na área de ensino, seguidos pelos de pesquisa.

No que diz respeito aos tipos de acordos, os de caráter genérico, são os mais frequentes nas universidades estudadas. Com eles, busca-se ampliar a colaboração cultural e científica entre instituições, embora, em termos de análise para este trabalho, sua eficácia e uso sejam pouco definidos devido à falta de projetos concretos que os respaldem. Em relação ao acima exposto, os convênios específicos (que surgem dos acordos genéricos) são significativamente menores em quantidade do que os acordos genéricos nas quatro universidades abrangidas por este estudo. Esta representação deveria ser contrária, tendo em conta que os específicos nascem dos acordos genéricos.

A investigação sobre as disciplinas que envolvem a totalidade dos projetos merece um trabalho de pesquisa específico. A maneira como as informações são sistematizadas nos registros de gestão administrativa não refletem essas informações de maneira particularizada. É possível inferir, de forma muito ampla, a área de conhecimento envolvida, levando em conta apenas os convênios específicos, que são os que definem com maior clareza o objeto. Nesse sentido, a área de conhecimento ligada à tecnologia é a que reúne o maior número de convênios, seguida pelas ciências naturais. Em terceiro lugar, os convênios ligados às áreas sociais e humanísticas e, em quarto lugar, os ligados à área das ciências da saúde. Em todas as universidades, há convênios específicos não ligados estritamente às áreas de conhecimento.

Nas quatro instituições, são visíveis convênios de natureza variada. Na sua maioria, trata-se de vínculos com universidades e institutos universitários, centros de investigação, laboratórios e, em menor medida, com entidades de natureza governamental. Em particular, a UNA menciona, entre os seus interesses para a cooperação, a ligação com o setor produtivo global, ou seja, a colaboração com empresas, consórcios ou laboratórios internacionais.

A UNL possui cerca de 500 convênios com diversos países do mundo. No contexto do MERCOSUL, observa-se uma ampla colaboração com países da América, como México, Colômbia, Peru, Chile, Brasil e Equador, bem como com países europeus, como França, Alemanha, Espanha e Itália. A ampla presença de convênios com países do MERCOSUL demonstra um grau significativo de integração regional em termos de cooperação acadêmica e científica. A UNILA também possui uma ampla rede de acordos de cooperação com universidades de diferentes países, incluindo várias instituições do MERCOSUL, como Argentina, Paraguai e Colômbia, o que evidencia uma participação ativa na integração regional. A UDELAR tem um enfoque mais centrado nos países de língua espanhola da região do MERCOSUL, com convênios significativos com Espanha, Argentina e Brasil.

Por sua vez, a UNA possui um número considerável de convênios com países do MERCOSUL. Embora a quantidade de convênios com alguns países possa ser menor em comparação com outras universidades, a presença de acordos com várias nações do bloco regional demonstra o interesse na integração.

Para concluir as seções de análise, os documentos estudados permitem observar algumas iniciativas específicas das universidades que promovem a vinculação institucional em nível global. A UNL adotou a internacionalização como eixo orientador de suas políticas institucionais e desenvolveu uma ampla variedade de ações para promover a cooperação e a mobilidade acadêmica em nível global. Alguns aspectos destacados do perfil internacional da UNL ficam evidentes no que é enunciado nos documentos como enfoque estratégico. Esta universidade estabeleceu a internacionalização como parte de seu Plano Institucional Estratégico 2020-2029, o que demonstra um compromisso de longo prazo para fomentar a cooperação internacional e o crescimento institucional em todas as suas funções substantivas de ensino, pesquisa e extensão.

No que diz respeito à UNA, esta conta com uma entrada por cortesia diplomática. Isso implica oferecer vagas a estudantes estrangeiros para cursar a carreira completa na instituição. Esses estudantes têm acesso direto e não estão sujeitos aos exames de admissão aplicados a todos os candidatos. Esta iniciativa é especialmente procurada por estudantes estrangeiros, especialmente de países do MERCOSUL.

A UNILA se destaca por seu caráter bilíngue (espanhol/português) e as políticas de internacionalização que estão sendo desenvolvidas na instituição mostram que tanto o espanhol quanto o português são línguas oficiais na universidade. Essa abordagem é um componente distintivo da instituição e reflete sua vocação internacional, dada sua localização geográfica, em uma região onde se falam vários idiomas. Os diferentes documentos da UNILA refletem a importância de desenvolver políticas que promovam o bilinguismo institucional, de acordo com a diversidade linguística e cultural da América Latina. É evidente uma clara intencionalidade em desenvolver mecanismos para tornar efetiva a política bilíngue da instituição. Isso se materializa em ações como, por exemplo: a produção e emissão de documentos em ambos os idiomas, práticas de ensino, planejamento curricular e atenção à comunidade acadêmica. Cabe destacar que a promoção do bilinguismo não se limita apenas ao espanhol/português, mas também está presente o contexto de diversidade linguística e cultural na instituição, com línguas como o guarani, o quéchua, o aimará, o crioulo haitiano, o francês, o alemão e o inglês, entre outras.

Embora com diferentes graus de consolidação, as quatro instituições contam com iniciativas para o ensino e a difusão de línguas e culturas internacionais como instrumento de conexão global. Nesse aspecto, a UDELAR é pioneira, pois desde 1991, com a criação da Seção de Línguas Estrangeiras Modernas, a referida instituição oferece ensino e pesquisa em línguas estrangeiras. É importante reconhecer a importância institucional que as línguas adquiriram desde 2000, quando foi criado o Centro de Línguas Estrangeiras. Atualmente, isso é visto como uma política linguística institucional para a promoção da internacionalização. Muitas vezes, as práticas de mobilidade acadêmica são limitadas a pessoas com domínio de certas línguas, sendo responsabilidade da instituição oferecer ensino gratuito e aberto aos diferentes atores universitários. As opções de formação em línguas para estudantes

internacionais também estão presentes na instituição, com cursos de Espanhol como Língua Estrangeira.

5 Conclusão

Como ponto de partida, as reflexões finais deste trabalho passam pelo reconhecimento do caráter não neutro da internacionalização (Oregioni; Piñero, 2015) nas instituições estudadas. As dinâmicas de vinculação limitam-se a lógicas de relacionamento internacional desigual que, partindo da dualidade centro-periferia, se reconhecem nas relações de poder hegemônicas que certos países desenvolvidos têm com outros países em desenvolvimento.

Diante do exposto, o principal desafio reside na promoção de práticas de internacionalização solidária, conforme desenvolvido por vários autores, entre eles Naidof (2005) e Perrotta (2016). Essas formas de desenvolver a internacionalização exigem o estabelecimento de alianças entre instituições de educação superior e que, sob o princípio da cooperação, sejam obtidos benefícios para todas as partes envolvidas. Nessa linha, a integração regional funciona como uma estratégia para responder às formas tradicionais de relacionamento internacional a partir de uma perspectiva situada, como nominado por Oregioni e Taborga (2017).

O presente estudo permitiu examinar em profundidade as estratégias de internacionalização adotadas pelas universidades analisadas, identificando tanto seus pontos fortes quanto seus desafios no cenário internacional. Ao longo da análise, constatou-se o forte compromisso dessas instituições com a mobilidade estudantil e docente, bem como o estabelecimento de programas de dupla titulação, a colaboração em projetos de pesquisa e a celebração de convênios de cooperação acadêmica. Essas iniciativas refletem a importância da participação em redes internacionais para o avanço da qualidade da educação superior no contexto latino-americano.

Uma das conclusões mais relevantes do estudo é o papel preponderante que a mobilidade acadêmica adquiriu nas políticas de internacionalização. As quatro universidades desenvolveram programas de intercâmbio, facilitados por financiamento específico e acordos interinstitucionais, o que permite aos estudantes e professores expandirem seus horizontes acadêmicos e profissionais. No entanto, como apontam Knight (2008) e De Wit (2011), embora a mobilidade seja um

componente essencial da internacionalização, ela não deve ser vista como seu único indicador. Nesse sentido, é fundamental avançar em estratégias que abranjam uma maior diversidade de ações, como o fortalecimento das ações já existentes em internacionalização curricular e formação intercultural.

O estudo também evidenciou o esforço das universidades em desenvolver programas de dupla titulação, especialmente no nível de pós-graduação. A UNL e a UNA foram pioneiras nesse aspecto, enquanto a UDELAR e a UNILA começaram a implementar acordos nessa linha, embora em menor escala. Esse tipo de iniciativa contribui para a consolidação da educação superior no cenário mundial, permitindo que os estudantes obtenham certificações reconhecidas em vários países. No entanto, o desenvolvimento desses programas requer um trabalho contínuo para harmonizar os planos de estudo, estabelecer mecanismos de reconhecimento mútuo e garantir sua viabilidade operacional.

Outro aspecto fundamental identificado neste trabalho é a crescente cooperação no âmbito da produção de conhecimento. A UNL se destaca nesse sentido, promovendo projetos conjuntos com outras instituições em nível internacional. Esse tipo de colaboração é fundamental para abordar problemas locais a partir de uma perspectiva global e para acessar financiamento internacional. Embora todas as universidades analisadas tenham manifestado interesse em fortalecer suas capacidades de pesquisa por meio de alianças estratégicas, observa-se que o acesso a fundos internacionais continua sendo um desafio, o que sugere a necessidade de desenvolver capacidades institucionais específicas para a gestão desses recursos, como a formação de recursos humanos, na qual a UDELAR aposta.

Em relação aos acordos de cooperação, identificou-se um aumento progressivo em sua quantidade, o que demonstra um crescimento na vinculação global das instituições abrangidas por este estudo. No entanto, um aspecto que requer atenção especial é a diferença entre o número de convênios-marco e os convênios específicos. Enquanto os primeiros são numerosos e amplos em seus objetivos, os segundos (que constituem uma concretização real da cooperação) são significativamente menores. Isso evidencia a necessidade de avançar em mecanismos que permitam traduzir os convênios- marco em projetos e ações concretas que tenham impacto direto na vida acadêmica das universidades.

O estudo realizado evidencia a diversificação das áreas de cooperação, com predominância dos convênios relacionados à tecnologia e às ciências naturais, seguidos pelas ciências sociais e humanas e, por fim, pelas ciências da saúde. Essa distribuição reflete tendências gerais no financiamento e na colaboração internacional no âmbito acadêmico, mas também aponta para a importância de fortalecer a internacionalização em áreas menos representadas, o que permite ampliar o acesso a oportunidades de cooperação em todas as áreas.

Por outro lado, a promoção da internacionalização como política institucional tem sido uma estratégia fundamental para fortalecer a presença global dessas universidades. A UNL, por exemplo, integrou a internacionalização como um eixo central de seu plano estratégico, o que permite orientar ações de longo prazo e consolidar sua inserção em redes globais. De maneira semelhante, a UNA implementou mecanismos como a admissão por cortesia diplomática para estudantes internacionais, o que reforça seu compromisso com a mobilidade e a cooperação regional.

A UNILA, por sua vez, desenvolveu um modelo educacional bilíngue, com uma abordagem intercultural que busca fortalecer as competências globais de seus estudantes. A promoção do multilinguismo dentro da comunidade acadêmica enriquece as possibilidades de internacionalização. Esse aspecto facilita a participação em redes de cooperação, o acesso a diversos materiais acadêmicos e a mobilidade de professores e estudantes. Nessa mesma linha, a UDELAR foi pioneira no ensino de línguas estrangeiras, consolidando um modelo institucional que favorece a aprendizagem de idiomas como instrumento de integração acadêmica e cultural.

Em conclusão, o estudo permitiu identificar avanços significativos nas estratégias de internacionalização das universidades analisadas, destacando-se o fortalecimento da mobilidade acadêmica, a consolidação de programas de dupla titulação, a cooperação em pesquisa e a celebração de convênios internacionais. No entanto, também foram identificados desafios importantes, como a necessidade de traduzir os convênios em ações concretas, a diversificação das áreas de cooperação e a ampliação das oportunidades de internacionalização para além da mobilidade.

Nesse sentido, com base no que se evidencia nas conclusões e nas tensões próprias deste tema, propõem-se algumas linhas de ação que poderiam contribuir significativamente para o desenvolvimento do conhecimento no — e a partir do — Sul

global. Uma delas é fortalecer as redes de cooperação Sul-Sul para que não se limitem a ser um vaivém de pessoas em programas de mobilidade, mas funcionem como verdadeiros encontros coletivos que permitam a produção conjunta de conhecimento, pensado a partir e para as problemáticas reais que a região enfrenta.

Outra linha fundamental é impulsionar políticas institucionais que garantam que as agendas de pesquisa surjam das próprias necessidades locais, definidas pelas comunidades acadêmicas e sociais, sem depender sempre do que determina a agenda global. Para isso, aproveitar ao máximo as tecnologias digitais pode ajudar a reduzir a lacuna no acesso à informação e a que os resultados da pesquisa circulem de forma aberta, sem restrições e chegando a mais pessoas.

Por fim, é fundamental fortalecer a capacidade de nossas instituições para negociar de maneira horizontal com os parceiros do Norte global. Trata-se de evitar relações assimétricas, nas quais o Sul contribui muito e recebe pouco, apostando em acordos que gerem benefícios reais para ambas as partes. Para isso, é necessário incorporar, de forma transversal, uma visão intercultural e multilíngue, pois reconhecer e valorizar a diversidade de línguas e suas culturas é fundamental para que a internacionalização universitária tenha um impacto social genuíno.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, [s. l.], v. 11, n. 3-4, p. 290-305, set. 2007. Disponível em: <http://doi.org/10.1177/1028315307303542>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ASOCIACIÓN DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTEVIDÉU. **Informe Anual de Movilidad Académica**. Montevidéu: AUGM. Disponível em: <https://grupomontevideo.org/site/>. Acesso em: 1 abr. 2025.

DE WIT, Hans. Globalización e internacionalización de la educación superior. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento**, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 77-84, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/780/78018793007.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2025.

DE WIT, Hans. Internationalization in Higher Education, a Critical Review. **SFU Educational Review**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 9-17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21810/sfuer.v12i3.1036>. Acesso em: 2 abr. 2025.

GACEL-ÁVILA, Jocelyne; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, Scilia. **Internacionalización de la educación superior en América Latina y el Caribe**: un balance. México: Universidad de Guadalajara: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2018.

GÓMEZ ORTIZ, Rosa Amalia; LÓPEZ M., Montserrat América; CORNEJO GORDILLO, Roberto. Aspectos geográficos y económicos que intervienen en la movilidad académica entre Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México y Perú. **Revista Universidad y Empresa**, [s. l.], v. 10, n. 14, p. 89-110, 2008. Disponível em: <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/empresa/article/view/1047>. Acesso em: 2 abr. 2025.

GUNDER FRANK, André. **Capitalism and underdevelopment in Latin America**. Nueva York: Monthly Review Press, 1967.

HAYS, Danica; SINGH, Anneliese. **Qualitative inquiry in clinical and educational settings**. Nueva York: The Guilford Press, 2012.

KNIGHT, Jane. Internationalization: elements and checkpoints. **CBIE Research, Canadian**, Ottawa, n. 7, p. 1-14, 1994. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED549823.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2025.

KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. **Internationalization of higher education in Asia Pacific countries**. [S. l.]: European Association for International Education, 1997.

KNIGHT, Jane. Updated definition of internationalization. **International Higher Education**, [s. l.], n. 33, 2003. DOI: 10.6017/ihe.2003.33.7391. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/7391>. Acesso em: 27 mar. 2025.

KNIGHT, Jane. Internationalization: a decade of changes and challenges. **International Higher Education**, [s. l.], n. 50, 2008. DOI: 10.6017/ihe.2008.50.8001. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8001>. Acesso em: 2 abr. 2025.

MARGINSON, Simón. **The dream is over**: the crisis of Clark Kerr's California idea of higher education. Oakland: University of California Press, 2016. E-book. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1kc6k1p>. Acesso em: 27 mar. 2025.

NAIDORF, Judith. Relaciones académicas internacionales: formas de enriquecer las relaciones bilaterales. In: SEMINARIO INTERUNIVERSITARIO DE ESTUDIOS CANADIENSES EN AMÉRICA LATINA, 3., 2005, La Habana. **Anais** [...]. La Habana: Universidad de La Habana, 2005.

OREGONI, María Soledad; PIÑERO Fernando Julio. Redes de Producción y difusión de conocimiento: ¿un instrumento para orientar la internacionalización de la Universidad Argentina hacia Latinoamérica? In: ARAYA, José María J. (comp.). **Aportes para los estudios sobre Internacionalización de la Educación Superior en América del Sur**. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2015. p. 19-48.

OREGONI, María Soledad; PIÑERO, Fernando Julio. **Herramientas de política y gestión para la internacionalización universitaria**: una mirada Latinoamericana. Tandil: Grafikart, 2016.

OREGONI, María Soledad; PIÑERO, Fernando Julio. Las redes como estrategia de internacionalización universitaria en el MERCOSUR: el caso de la RIESAL (2013-2017). **Integración Y Conocimiento**, [s. l.], v. 6, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.61203/2347-0658.v6.n1.17121>. Acesso em: 27 mar. 2025.

OREGONI, María Soledad. Incidencia de las políticas de cooperación Sur-Sur sobre la orientación de la internacionalización universitaria en Argentina 2007-2015. **Desafíos**, [s. l.], v. 33, n. 2, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/desafios/a.8376>. Acesso em: 27 mar. 2025.

OREGONI, María Soledad; TABORGA, Ana María (coord.). **Dinámicas de internacionalización universitaria en América Latina**. Tandil: Grafikart, 2018.

PÁRAMO, Dagoberto; SIERRA, Shester Campo; MATOS, Leydes Maestre (ed.). **Métodos de investigación cualitativa**: fundamentos y aplicaciones. 1. ed. [S. l.], Editorial Unimagdalena, 2020.

PERROTTA, Daniela. **La internacionalización de la universidad**: debates globales, acciones regionales. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento; Buenos Aires: Instituto de Estudios y Capacitación, 2016. 112 p.

QUINN PATTON, Michael. **Qualitative research & evaluation methods**. United States: Sage Publications, Inc, 2002.

WENDE, Marijk van Der. International Academic Mobility: towards a concentration of the minds in Europe. **European Review**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 70-88, 2 abr. 2015. Disponível em: <http://doi.org/10.1017/s1062798714000799>. Acesso em: 2 abr. 2025.

MINI BIOGRAFIA

Eduardo Rodríguez Sanabia

Doutorando em Ciências da Educação, Mestre em Ciências Humanas e Licenciado em Educação. Professor na Unidade Acadêmica de Educação Veterinária da Universidad de la República (Uruguai). Pesquisa sobre desenho curricular nas ciências agrárias, formação docente universitária e internacionalização da educação superior.

Email: eduardo.rodriguez@fvet.edu.uy

Norberto Ojeda

Médico-veterinário, Mestre em Docência Universitária (UNL) e Professor em Ensino Superior (UCSF). Professor na Faculdade de Veterinária da Universidad Nacional del Litoral (Argentina). Integra grupos de pesquisa sobre internacionalização, mobilidade acadêmica e reconhecimento de diplomas.

Email: nojeda@fcv.unl.edu.ar

Ana Paula Araujo Fonseca

Doutora em Educação pela UFSCar, com Pós-Doutorado na USP. Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, atuando na área da Educação e no Mestrado Profissional em Educação. Pesquisa em Educação Inclusiva, Formação de Professores e Internacionalização da Educação Superior.

Email: ana.araujo@unila.edu.br

José Passarini

Doutor em Medicina e Tecnologia Veterinária, Mestre em Ensino Universitário (Udelar) e Doutor em Ciências da Educação (Universidade de Havana). Professor titular da Unidade de Educação Veterinária (Udelar). Pesquisa em currículo nas ciências agrárias, acompanhamento de graduados e exercício profissional, internacionalização da educação superior e reconhecimento de diplomas.

Email: jose.passarini@fvet.edu.uy

Translation by **Ana Paula Araujo Fonseca**